

MEMÓRIA DE IDOSOS

Juliana SARTORI¹

Resumo: Este trabalho pretende analisar o imaginário social de idosos residentes no município de São Caetano do Sul acerca dos raios. Busca-se evidenciar na pesquisa, a imbricação dos discursos, das crenças e valores que compõem a memória do grupo em relação aos raios, já que o município tem considerável incidência de descargas elétricas. Isso permite compreender o que o grupo realiza atualmente diante do fenômeno. Por mais que consideremos na atualidade o senso-comum e o discurso técnico científico como dois universos desagregados, pretende-se analisar, sociologicamente, através do estudo do imaginário, como ambos coexistem no referido grupo.

Palavras-chave: Imaginário Social. Desastres. Raios. Idosos. Memória.

MEMORY OF ELDERLY PEOPLE

Abstract: This work aims to examine the social imaginary of elderly people in the city of São Caetano do Sul on lightning. The research attempts to point out beliefs and values on lightning which are part of the memory of the group, since the city has considerable incidence of it. This allows us to understand the representations of the social group facing that atmospheric phenomenon. Even though, nowadays, the common sense and technical scientific discourse are considered to be two disaggregated universes, we intent to analyze sociologically how both co-exist in that group, through the study about imaginary.

Key-Words: Social Imaginary. Disasters. Lightning. Elderly People. Memory.

¹ Socióloga, bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais em Desastres (NEPED/UFSCar). Versão resumida de Iniciação Científica, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Esse trabalho consiste em uma versão adaptada do *paper* apresentado no *IX Encontro Regional Sudeste de História Oral: diversidade e diálogo* na Universidade de São Paulo em agosto de 2011.

Introdução

O medo e o mistério associados aos fenômenos que advêm da natureza constituem parte do imaginário humano. Desde os primórdios, no âmbito das diversas sociedades, as pessoas buscam explicações para seus medos, e hoje, condicionam suas práticas ao tamanho do temor a certos acontecimentos, situações e afins. Os raios são um desses elementos que atemorizam muitas sociedades, sejam os indivíduos ou os grupos nos quais estejam vinculados. Contudo, as representações sobre os raios, vinculadas às várias tradições, são variadas, moldando condutas que, com o passar do tempo, se tornam naturalizadas. E, de outro lado, as representações de cunho científico tenderam a moldar outras tantas.

O presente trabalho tem por objetivo propor uma análise sociológica preliminar sobre os significados a cerca dos raios no imaginário social no município de São Caetano do Sul, seja no discurso mitológico, no científico e no senso-comum. O propósito é identificar não apenas a diversidade das representações em torno de tal fenômeno, mas como estes, em suas nuances, podem eventualmente se imbricar no discurso de um dado grupo, cujo contexto socioambiental o predisponha à convivência com tal fenômeno da natureza.

Memória, Imaginário Social e Idoso

Inicialmente, quando refletimos sobre o que é imaginação a vinculamos a algo íntimo, no qual acreditamos ser produto de nossos sonhos. O que devemos nos ater, no momento, é que o que imaginamos, nem sempre, é reflexo dos devaneios mais profundos da nossa alma. A imaginação é, ao mesmo tempo, algo particular, que constitui a subjetividade, e está também vinculada ao grupo social ao qual pertencemos. A compreensão do imaginário não se desvincula do contexto histórico, social, econômico em que o indivíduo está inserido, ou seja, não podemos compreender seu universo simbólico sem penetrar em sua cultura.

Os estudos sobre o imaginário social de idosos não podem se desvincular do estudo sobre memória. E, como bem nos lembra Ecléa Bosi (1979), os velhos são os *guardiões do passado*. A partir de suas experiências, são os mais velhos que retomam as tradições e lembranças de um tempo longínquo e as insinuam como algo vivo nos meandros do presente. Pela memória de idosos, se percebe as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social ao longo das gerações.

A relação que estabelecemos com o mundo está sujeita a ambiguidades, e o idoso sintetiza o tempo de uma maneira complexa. A incorporação da memória coletiva (*oficial*) não é linear, em que a tradição seria algo facilmente superado. Pollak (1989) nos mostra que a memória coletiva, como já foi dito anteriormente, é uma imposição, que caracteriza a dominação e a violência simbólica. Sabemos que existe uma constante conciliação entre memória coletiva e individual em que “*o íntimo e familiar está invadido pelo público, pela manipulação da percepção: a televisão, o rádio, o telefone, a internet, portanto, pelo adverso, pelo seu oposto*” (MARTINS, 2008, p.94).

A história oral surge como uma alternativa importante de valorização das *memórias subterrâneas*, como diz Pollak (1989), das memórias que permanecem à margem da história oficial.

A síntese de uma trajetória nem sempre é linear, ou coerente das múltiplas representações. Devemos compreender que os consensos se refazem e desfazem a todo o momento. Ou seja, o que aceitamos anteriormente, podemos negar hoje, e podemos também, difundir atualmente, o que foi renegado no passado. A História é um fluxo contínuo do cotidiano que não cessa, mas que se rompe, se desfaz e se renova a todo instante.

O que devemos perceber, portanto, é que as relações do passado se tornam presentes por meio das lembranças. E o idoso é a peça fundamental na transmissão dos valores e crenças de uma geração.

Manheim (1982) se afasta da abordagem das gerações enquanto um reflexo biológico, de nascer ou não, no mesmo ano, por exemplo. Para o autor, a compreensão da natureza das gerações é um fenômeno social. Ou seja, os indivíduos de uma mesma geração compartilham um processo histórico-social, que refletem transformações que derivaram de outras gerações.

O trabalho de Ecléa Bosí (1979), que consiste em *colher memória de velhos*, nos mostra como a essência da cultura emerge por meio de relatos individuais. Marilena Chauí, que escreveu a apresentação do livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, questiona:

Que é, pois ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. Este outro é um opressor (CHAUÍ apud BOSI, 1979, p. 18).

Para Chauí, a história oficial *sufoca* a lembrança por *pisotear na tradição dos vencidos*. Assim, “as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra „história“, por outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade” (CHAUÍ apud BOSI, 1979, p. 19). Assim, “os escritos permanecem enquanto as palavras e os pensamentos morrem” (HALBWACHS, 2006, p.101).

O velho permanece à margem, por ter suas representações coletivas, em grande parte, suprimidas no cotidiano. Mas, o importante é que

A memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. Através dessas memórias, podemos compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente (ALMEIDA, 2001, p.33).

O idoso deve ser valorizado pela condição que lhe é particular: transmitir a tradição e os costumes ao longo das gerações. Concentrar-se em suas memórias, é resgatar as experiências que constituíram o passado, humanizando, portanto, sua trajetória de vida. Assim,

Os velhos mantêm o aspecto histórico-social da memória resguardados, por precisarem dela para sobreviver. (...) O passado pertence aos velhos. Exercem uma função peculiar: de refletir e escavar lembranças (ALMEIDA, 2001, p. 28).

Através das lembranças, atribui-se significado pelas experiências vividas, pois, o que nos é transmitido ao longo das gerações influencia nossa compreensão do mundo atual. Devemos nos ater, portanto, que a história oral empenha-se em agregar *múltiplas temporalidades* (RICOEUR, 2007).

As representações sociais consistem em valores, crenças e práticas que balizam as nossas relações. Elas possuem dupla funcionalidade:

Primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p. 21).

O conceito de habitus, elaborado por Bourdieu (2009), é fundamental na análise das representações sociais já que toda a mudança

pode gerar um confronto com antigas crenças e valores. Para o autor, a mudança do *habitus* vai se concretizando aos poucos, à medida que determinadas práticas vão se naturalizando no cotidiano. Para Halbwachs (2006), “[...] os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 87).

Com o surgimento de novos elementos que se tornam familiares ao grupo, outras representações não desaparecem do imaginário social. O tradicional não se rompe imediatamente com o moderno, pois existe uma constante tensão e contradição entre ambos. Assim,

O senso-comum está continuamente sendo criado e recriado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão constantemente retocadas (MOSCOVICI, 2003, p. 95).

No imaginário diversas representações relacionadas aos raios descendem de outras gerações e nelas se aglutinam novas representações. O *público* e o *privado* estão entrosados na estruturação de nosso pensamento, como ressaltou Halbwachs (2006), as representações sociais são confundidas e misturadas a todo o momento. Poderemos compreender a forma como os raios aparecem no cotidiano dos idosos, por meio dos costumes e valores que norteiam suas experiências. O estudo do cotidiano não deve limitar-se ao estudo dos valores e costumes, mas devem estar vinculados à *história* e ao *acontecer histórico*.

A Pesquisa de Campo

A fim de ilustrar o imaginário social de idosos acerca dos raios, trazemos os principais relatos colhidos a partir das entrevistas realizadas no município de São Caetano do Sul em novembro de 2010.

Quando adentramos, especificamente ao tema da pesquisa, foi perguntado aos idosos, se em sua infância, as pessoas de sua família tinham medo das grandes tempestades e o que faziam para se proteger:

Ela (a mãe) não deixava a gente mexer com tesoura, com faca, não deixava a gente mexer com nada. [...] espelho era mais que ela cobria. [...] ela falava que o espelho chamava o raio, e eu dava risada, tadinha [...] Quando dava

trovoada muito forte, ela pedia pra gente rezar com ela, a gente rezava [...] o Pai Nosso, Ave Maria, naquele tempo era o que mais se rezava (Entrevistada L, 72 anos, Centro de Convivência A).

Não se ligava rádio, TV já não tinha, não se passava roupa, não se mexia em nada de eletricidade, nada de cobre, longe das tomadas [...] rezava o Pai Nosso e Ave Maria pra Santa Bárbara pra acalmar a chuva. Principalmente, quando estava chovendo muito forte e a gente precisava ir a escola, a gente pegava ovo, punha na árvore e rezava, e aí passava a chuva. E, às vezes, passava por coincidência e a gente achava que era aquilo [...] nós subíamos em cima da árvore com o ovo e deixava lá, rezava o pai Nosso e Ave Maria, e pedia pra passar a chuva, pra agente poder sair (Entrevistado J, 75 anos, Centro de Convivência A),

[...]

Naquela época, acho que não tinha pára-raios, né? Pára-raios segura? Antes tinha bastante trovoadas. (...) a gente também tinha medo, quando tinha chuva forte, a gente não saía de dentro de casa. (...) Tinha uma época, quando era muito vento e a tempestade muito forte, não é lenda não. Antes os antigos eram muito católicos, minha mãe, quando era sexta-feira santa, ela pegava palmas e ia benzer na igreja. A palma que sobrou do ano anterior ela guardava, ela colocava dentro de uma frigideira com carvão, o fogo era à lenha. E queimava a palma, e saía uma fumaçinha, e isso acalmava a tempestade. Eu não sei se a gente ficava com aquilo na mente, mas parecia que acalmava mesmo (Entrevistada O, 75 anos, Centro de Convivência B).

[...]

Meu pai era muito católico, eu lembro que ele guardava uns ramos, do Domingo de Ramos, ele acendia num vasinho aqueles ramos, era um ritual que ele fazia sempre pra espalhar a chuva. Porque eles tinham muito medo, eu não sei como eu não sou medrosa, por que eles eram. (Pesquisadora: e espalhava a chuva?) A gente achava que sim, eu acho que isso é um mito, mas não sei... agora eu acredito que era uma crendice. Eu já não sou tão assim. [...] Eles rezavam, eles queimavam os ramos, seria como um incenso, eles guardavam os ramos atrás de um quadro de Jesus que eles tinham. Quando começava a chover, eles iam lá e tiravam um pouquinho... e na época nós tínhamos fornalha a carvão. Então, ele pegava umas brasinhas e colocava num potinho que ele tinha, colocava as brasinhas, os ramos e queimava, ele se protegia da chuva. Deixava lá

aceso queimando e aí fazia a oração (Entrevistada E, 64 anos, Centro de Convivência C).

A família de L e J permanecia longe de talheres ou qualquer objetos de metal ou cobre. Os que disseram que cobriam os espelhos nos relatos foram aqueles da família de L. Alguns entrevistados como E e O queimavam os ramos da palma benta do Domingo de Ramos. Outros entrevistados que não foram citados também cobriam espelhos, não utilizavam talheres, faziam orações para Santa Bárbara, entre outras práticas.

As gerações anteriores dos entrevistados enfrentavam de forma distinta o fenômeno das tempestades. Quando as tempestades se anunciavam, todos interrompiam suas atividades: quem estava trabalhando na roça, voltava para casa; a dona de casa que estivesse passando roupa, lavando louça, abandonava imediatamente seus afazeres; chamavam as crianças para dentro de casa, e tomavam as medidas necessárias para se protegerem contra as grandes tempestades.

Todos os entrevistados disseram que sua mãe tinha medo de raio. Esse dado é relevante por duas razões: primeiro, pelo papel fundamental da mulher, enquanto protetora do lar. O ato de fechar a casa, cobrir os espelhos, não mexer com talheres, ficar embaixo da mesa, ou em cima da cama, queimar a palma benta, fazer oração para Santa Bárbara consiste em um *ritual de proteção* contra os raios; e em segundo, os entrevistados evidenciam que o medo existe no outro e para o outro, nunca em si mesmo. Quando era perguntado no início das entrevistas se eles tinham medo, a maioria disse que não. Mas, sempre diziam que seus familiares tinham medo, principalmente a mãe. O medo ligado ao feminino consiste em uma proteção transmitida pelo *habitus*, ao longo das gerações.

O ritual de proteção que envolve a queima da palma benta do domingo de ramos consistia em *simpatias*, evidenciando o sincretismo existente nas práticas cotidianas. O *habitus* dessas famílias é composto por um imaginário *familístico, rural*.

A tempestade era também o momento que a família permanecia unida, seja em silêncio ou em oração. Enquanto as atividades rotineiras se interrompiam, as mães faziam bolinho de chuvas, contavam histórias para acalmar as crianças dentro de casa. Ou mesmo, ficavam cobertos embaixo da mesa, esperando que a chuva terminasse. Foi relatado que, no subúrbio, grande parte das casas não possuía forro, intensificando as ações das grandes tempestades.

Nos relatos de L, E e O existe um processo de desvinculação das práticas exercidas no passado, seja por qualificá-las como mito ou

mesmo quando L, ao dar risada quando sua mãe pedia para ela cobrir os espelhos. Nesses discursos existe uma desqualificação das práticas do passado em relação ao acesso às informações. Quando relatam que hoje têm maior acesso às informações, e que sabem que o que era feito anteriormente era mito, credence, se desvinculam e desmerecem o passado. É como se a existência de um fato anulasse a veracidade do outro.

O pai da entrevistada S era benzedor e sempre que chovia eles queimavam a palma benta e faziam uma oração: “*Santa Bárbara, São Simão; Leva essa tempestade pra longe e também esse trovão*” (Entrevistada S, 70 anos, Centro de Convivência A). A entrevistada P, em conversas informais, também recitou uma oração para Santa Bárbara: “*Santa Bárbara bendita; Que no céu está escrita; Com um raminho bento na mão; Livrai-nos do trovão*”.

A rotina de vida transita entre o cotidiano ao não-cotidiano, ao mágico, ao religioso (MARTINS, 2008). A linearidade do processo histórico só existe na forma em que é documentada, pois no que é vivido, partilhado e sentido não se desvincula completamente do imaginário, do senso-comum advindo de outra geração.

Todas as práticas *recordadas* que constituem os rituais de proteção feitos no passado estabelecem, para Halwachs (2006), uma relação estreita com o grupo que fazem parte. Essas lembranças são fruto de uma construção social e de um intenso processo de disciplina que confere coesão ao grupo social.

A entrevistada C veio de Registro e quando era nova colhia broto de chá em uma fazenda. Ela e toda sua família sempre tiveram muito medo de raio. E ela informou que quando estavam dentro de casa:

A gente se escondia em um cantinho ou subia na cama e colocava o cobertor em cima da cabeça, pra não escutar aquele barulho, né? Todos nós, eu e os meus irmãos, e a minha mãe. A gente ficava escondido até acabar o barulho, A gente tinha medo que caísse um raio, por causa das árvores (Entrevistada C, 74 anos, Centro de Convivência C).

Se estivesse chovendo forte em época de colheita ela não podia parar o serviço. Ela informou que o período da colheita se estendia de setembro a abril, que coincidia, justamente, com a época das chuvas:

A gente colocava plástico em cima pra colher os brotos de chá, porque broto de chá não pode parar a colheita, tem dia certo pra colher né? (Pesquisadora: E o que a senhora fazia?) Colocava a capa de chuva e colocava cha-

péu. (Pesquisadora: A senhora não tinha medo de cair um raio?) Tinha medo sim, mas tinha que trabalhar [...] O broto de chá vai até março, abril, depois não tem mais. (...) E não pode parar de colher, pois o broto fica duro [...] Quando estava chovendo muito forte, continuava trabalhando, ou se escondia debaixo de uma árvore. (Entrevistada C, 75 anos, Centro de Convivência C).

O medo que ela tinha de ser atingida por um raio era suplantado pela necessidade de trabalhar e garantir o sustento da família. Ou seja, as condutas que não poderiam ser interrompidas, nesse caso, eram as atividades vinculadas ao trabalho. Esse fato se relaciona também com a influência dos valores morais do grupo no comportamento da família de dona C. Se o grupo social valorizasse mais a proteção contra um evento adverso da natureza em relação ao trabalho, todos estariam protegidos em suas casas, mesmo em período de colheita.

Identificamos os limites da incorporação do discurso científico pelo grupo focalizado. Este não se materializa nas representações mais significativas das memórias do grupo. Martins (2008) mostra que o público, por meio do rádio, televisão, internet, entre outros, penetra nas relações cotidianas. E ao longo das entrevistas foi constatado que o acesso à informação de base científica, muitas vezes, mascara o medo, pois o discurso técnico-científico é intimidador.

Porém, durante as entrevistas, quando os idosos falaram sobre suas práticas, em relação às tempestades, pareciam se desvincular das representações oriundas do saber tradicional. Alguns dos entrevistados, disseram não ter medo dos raios. E disseram ainda que, durante as tempestades, somente fechavam a casa, desligavam alguns aparelhos elétricos e tiravam as roupas do varal. É relevante perceber outra camada de representações na fala dos entrevistados que se diferencia da absorção estrita da racionalidade técnica.

Para ilustrar, seguem dois exemplos abaixo. Primeiramente, dois momentos na fala do senhor J. No início da entrevista:

Nossa, tinha e tenho muito medo, eu sou muito medroso com esse negócio de raio, era muito mais... essas coisas dos antigos que não é realidade, a realidade é outra, não é tudo isso aí não...cientificamente hoje, os estudos disso aí, deve se proteger, continuar a mesma coisa, não ficar em lugar exposto quando tem temporal, evitar piscina, esses negócios, mas não é tudo isso aí, hoje em dia tem a televisão, a máquina chamada televisão e a internet, foi

uma beleza, hoje as crianças de 4 ou 5 anos já sabe tudo isso aí, sobre tempo, temperatura (Entrevistado J, 79 anos, Centro de Convivência A).

E depois de um tempo de conversa, o mesmo entrevistado externou outras representações em relação aos raios:

Eu sinto que o Papai do Céu está bravo, nós estamos fazendo tanta coisa errada aqui na terra, que Ele fala: Deixa Eu dar uns gritos...pra vê se eles [...] é pra gente baixar um pouco a bola. Às vezes eu penso isso mesmo, é verdade. Deus pensa: deixa Eu dar um sustinho neles. Não morre quase ninguém, mas assusta (Entrevistado J, 79 anos, Centro de Convivência A).

No caso da entrevistada P, percebe-se uma mudança significativa, entre o tipo de representação sobre os raios no início e ao final da entrevista:

(Quando inicia a tempestade) fico em casa, e fecho tudo só se chover forte, pois, agora tem as obrigações também, fazer ginástica, faço compra, vou a banco, então conforme o dia de chuva se tem que sair eu saio. Eu não tenho medo, se precisar eu saio. A gente evoluiu [...] acho que era as crendices que eles falavam. Antigamente não tinha rádio, não tinha todas essas informações né? (Entrevistada P, 74 anos, Centro de Convivência C).

[...]

Eu tenho medo, geralmente os filhos saem e você fica sozinha, então eu não gosto muito dos relâmpagos [...] Não sei, eu tenho medo, mas não sei por que, não sei te explicar [...] aquele barulhão, a gente fica também apavorado, fico apreensiva, fico quieta, se tem um livro, eu leio, não dá pra fazer nada mesmo, faço um tricô. (Entrevistada P, 74 anos, Centro de Convivência C).

Ela disse que não mantinha a tradição da família, como cobrir os espelhos e talheres, para se proteger contra os raios. E quando foi questionada do por que, ela disse:

A gente evolui, então, a gente foi aprendendo [...] até quando era mocinha eu fazia isso [...] a gente acha que não tem problema, mas às vezes ainda fico com aquilo na cabeça. Ai meu Deus, será que não vai acontecer (risos). Acho que no inconsciente, a gente volta pra aquilo.

Incomoda de não cobrir as coisas. (Entrevistada P, 74 anos, Centro de Convivência C).

O discurso científico é tão intimidador que a entrevistada P deixa de cobrir as coisas, mesmo tendo medo de ser punida por isso posteriormente.

Nas relações cotidianas, apreendemos o movimento e o acontecer histórico a partir da vivência da temporalidade, da fluidez do tempo. E por meio das diversas temporalidades que se mesclam nas falas, conclui-se que não existe uma história que deve ser superada, esquecida, pois tudo está articulado em um complexo processo sócio-histórico. E ao nos desvincularmos das diversas temporalidades e interpretações de mundo, negamos história cotidiana que se perpetua nos gestos, sentimentos e atitudes.

Conclusão

O estudo sobre o imaginário social de idosos em relação aos raios iniciou a análise com a relação do raio com o desastre, em vista de elucidar a relevância e a magnitude dos efeitos das descargas elétricas no Brasil. Posteriormente, fez-se um breve histórico do aparecimento dos raios ao longo do tempo, desde as mitologias (grega, nórdica, babilônica e romana), senso-comum, com diversas representações compartilhadas entre diversos grupos sociais, e por fim o discurso técnico-científico.

O intuito da pesquisa consistiu em compreender o homem simples, imerso no cotidiano, baseado na proposta analítica de Martins (2008). Para a compreensão do homem cotidiano, era necessário contemplar o *estado da arte* sobre Memória e Imaginário Social. E conjuntamente, compreender a história do município para conseguir penetrar na sociabilidade estabelecida no subúrbio.

Desta maneira, por meio do discurso dos idosos, a relação do homem comum com os elementos da natureza ocorre de forma ambígua. Muitos deles reproduziam o discurso técnico-científico em torno das descargas elétricas, em grande parte, desmerecendo as crenças do passado. Mas, ao longo do trabalho de campo, identificou-se que essas experiências permanecem vivas em suas memórias. De acordo com o conceito de *habitus* de Bourdieu (2009), a tradição ainda permanece nas relações tradicionais, por mais que novos elementos fossem incorporados no processo. Os idosos incorporam os produtos da modernidade, por meio da mídia, televisão, rádio, internet. Mas, o discurso aparece de

forma intimidadora, em que os entrevistados tinham medo de dizer que ainda reproduziam as práticas protetivas contra as grandes tempestades nos dias atuais, ou que de alguma forma, os medos do passado ainda os assombravam.

As histórias da vida cotidiana consistem na força real que movimenta a História. Ao permanecer à margem, essas memórias esvaziam-se de sentido como se fosse algo, que pudéssemos descartar. Assim, o indivíduo tem que, a todo o momento, controlar suas feridas, tensões e contradições, pois a imagem pessoal se conflita com a imagem oficial. E essa imagem oficial, de acordo com Pollak (1981), é forma de violência simbólica, pois as antigas práticas do passado se contrapõem à veracidade do moderno. Não existe um escalonamento do processo histórico, em que as credices, causos que caracterizam a cultura familística e rural sejam algo destituído de verdade (MARTINS, 2008).

Além dos conceitos e informações que possam auxiliar na prevenção de mortes contra as descargas elétricas, é importante perceber como que as pessoas internalizam o novo, e como isso é incorporado nas relações rotineiras.

Conclui-se, portanto, que existe um distanciamento, uma ruptura nas falas dos idosos quando se referem aos medos, sentimentos, práticas em relação ao fenômeno atmosférico dos raios. Na maioria das falas, os idosos disseram não ter medo de raios. Mas, ao longo das entrevistas, o medo que, inicialmente, aparecia no outro, no final da entrevista, reapareceu como sendo do próprio entrevistado. À margem dos discursos emergem seus medos e ansiedades. E por trás das explicações técnico-científicas, os acontecimentos do passado permaneciam na memória. Assim, há um constante embate entre o tradicional e o moderno. Compreender o imaginário sobre as descargas elétricas é penetrar, minimamente, nas relações cotidianas que marcaram a vida dos idosos residentes do município de São Caetano do Sul.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. C. (2001). *Memórias do rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos*. São Carlos, 2001. 120p. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 12. ed. Editora Bertrand Brasil, 2009.
- GODÓI, Emília Pietrafesa de. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. Coleção Pesquisas.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociabilidade do Homem Simples*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010, v. 1.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: Vida cotidiana e História no subúrbio de São Paulo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, v. 1.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v.2, n. 3, 1989, p.3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. In: Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, v.5, n.10, 1992.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2007.